

GT1 – Estudos históricos e epistemológicos da informação.

## **CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO, PRAGMATISMO E VIRTUALIDADE**

### Resumo

A Ciência da informação tem uma função crucial na cadeia de produção do conhecimento. Por conta disto, esta Ciência se subsidia em aportes teóricos filosóficos, sociais, lingüísticos, dentre outros, que lhe propiciam a garantia necessária para suas investigações e ações. Hoje o cenário da informação, isto é, da produção do conhecimento, tem como propriedade a virtualidade que se caracteriza, principalmente, por permitir o acesso relativamente irrestrito à informação. Frente a isto alguns pontos de partida de atuação precisam ser revisitados pela Ciência da informação. Discutimos então a necessidade de se atentar para o comportamento de busca informacional do sujeito nesse cenário (*information seeking*). Argumentamos ainda sobre a precisão de se considerar as perspectivas do Pragmatismo como um caminho teórico a ser acatado por esta Ciência a luz de seus pressupostos sobre o uso da linguagem pelo sujeito e de sua relação com a comunicação, com busca e com a obtenção de conhecimento.

Palavras-chave: Ciência da informação. Pragmatismo. Internet. Busca informacional. *Information seeking*.

### Abstract

The information Science has a crucial function in the production of the knowledge. This Science uses philosophical, social, linguistic theories, and others, that give the necessary guarantee for its inquiries and actions. Today, the scene of the information has, as strong characteristic, the virtuality and the possibility to unrestricted access to the information. With this, some view points need to be revisited by the Information Science. We have believed in the necessity to analysis the user behavior in the informacional search in this scene (*information seeking*). We defend to be necessary consider Pragmatism perspectives about the use of the language to the user and its relation with the communication, as a theoretical way to understand some facts.

Key words: Information science. Pragmatism. Internet. Information seeking.

## CIÊNCIA SOCIAL DA INFORMAÇÃO

Partimos do entendimento de que a Ciência da informação seria uma Ciência social (como assim a define Araújo, 2003). Ou ainda, como apresenta Capurro (2003), consideramos que a Ciência da informação está inserida hoje em um paradigma social (diferente de outros momentos em que se estabeleceu a partir de paradigmas físicos e cognitivos – como menciona o próprio autor). Concordamos também com Foskett (1980b) na medida em que define esta Ciência *como um todo interado que forma uma unidade numa rede maior de unidades, que reunidas formam um outro todo, mais complexo – o sistema de comunicação [grifo meu] pelo qual circula o conhecimento.* (FOSKETT, 1980b, p. 34). Foskett (1980b), inclusive, enfatiza a importância de um pensamento filosófico claro e ligado as *necessidades sociais* e propõe a formação de um campo teórico que inclua estudos filosóficos e sociológicos para a Ciência da informação. Nessa direção, Gonzáles de Gómez (2000) configura-a em torno de um objeto cultural que se constitui a partir de *ações de informação* sendo que estas seriam o resultado da articulação de vários estratos envolvidos na vida social dentre eles a linguagem, os próprios sistemas sociais, os sujeitos e as organizações.

Considerar a Ciência da informação enquanto uma Ciência social, parte por tanto do entendimento de que a informação se constitui no contexto das relações sociais e sua mediação comunicacional. A informação é dinâmica, ultrapassa autorias e só existe e adquire sentido num contexto de comunicação em que se estabelecem permutações simbólicas. Assim, é o sujeito o responsável por estabelecer novas relações, conferir outros significados, produzir informações alternativas e diferenciadas a partir de suas ações sociais. É ele que demanda e que recebe a informação, logo, são suas ações relacionadas a informação que adquirem o papel central na Ciência da informação. Araújo (2003) a partir da análise dos estudos de Berger e Luckmann (1985) defende que:

Ao discutir a realidade como algo que é constituído socialmente e não com uma existência em si mesma, independente dos sujeitos que conhecem os autores abrem caminho para uma compreensão da informação não como um dado, uma coisa que teria um significado e uma importância per se, mas como um processo, como algo que vai ser percebido e compreendido de variadas formas de acordo com os sujeitos que estão em relação (...) A questão da intersubjetividade conformada a partir da informação se torna central para a compreensão dos diferentes planos de realidade, da distinção entre as diferentes formas de conhecimento e dos mecanismos de sua configuração e legitimação. Os sujeitos precisam necessariamente ser incluídos nos estudos sobre informação e sobre tudo precisam ser incluídos em suas interações cotidianas, formas de expressão e linguagem, ritos e processos sociais. (ARAÚJO, 2003).

Entendemos então que as investigações desenvolvidas pela Ciência da informação precisam analisar e responder problemas sociais relacionados à informação. Por isso seu ponto de partida precisa ser o sujeito que busca e recebe a informação com o intuito de transformá-la em ação. Sendo o sujeito, um sujeito social, sua ação de busca informacional, mesmo se feita de modo particular, reflete em certa medida, uma necessidade informacional gerada, condicionada ou ainda, regulamentada socialmente. A Ciência da informação, além disto, tem estudado de preferência aquelas ações de informação que resultam na geração ou transformação do conhecimento, portanto, cabe a esta Ciência compreender e propor ações comunicacionais que propiciem, cada vez mais, situações favoráveis a validação sobre o que fora buscado, já que somente assim, o resultado dessa ação de busca informacional poderá resultar em um conhecimento

válido. Consideramos que a busca informacional é uma ação de comunicação e, enquanto esta, seria uma ação de uso da linguagem. A linguagem, entendemos, constitui uma instância de reunião do informacional e do social. Diante disto é que vemos na no estudo dos usos sociais da linguagem o caminho para compreendermos as ações de busca informacional e assim poderemos rever nossas práticas em relação ao trato com o usuário da informação com o intuito de potencializar suas formas de adquirir conhecimento.

Mas, para lidar com a dimensão da informação enquanto elemento de transformação social, a Ciência da informação precisa conhecer, discutir e analisar, tanto os aspectos teóricos e conceituais que norteiam e sustentam esse processo, como os elementos externos (tais como as tecnologias da informação, que tem cada vez mais interferido na vinculação informacional da sociedade), com o intuito de estabelecer rumos, sejam teóricos ou práticos, para que se minimizem as inconsistências entre aquilo que a sociedade demanda informacionalmente, aquilo que ela alcança (via tecnologias da informação impostas) e aquilo que é capaz de assimilar e de colocar em prática. Portanto esta Ciência deve estar constantemente atenta e ativa frente às tendências tecnológicas de disponibilização da informação ao mesmo tempo em que deve conhecer e atuar pautada em alicerces teóricos que reflitam as questões que compõe seu pano de fundo argumentativo, pois só assim poderá discutir e propor coerentemente subsídios que possam auxiliar nas formas sociais de produzir e usar conhecimentos.

### **INFORMATION SEEKING COMO PRÁTICA SOCIAL**

No espaço virtual, torna-se necessário reconfigurar e redirecionar as formas de organização da informação tanto por conta da volubilidade de seus conteúdos informacionais (temáticos, quantitativos, qualitativos) como pela imprevisibilidade sobre quem, como, quando, onde e por que tais conteúdos serão buscados. Ousaríamos até mesmo dizer que, frente à amplitude de alcance informacional promovido pela virtualidade, seria impraticável qualquer tentativa a priori de delimitação e caracterização dos usuários desses conteúdos. Não sendo possível delimitar e reconhecer as potenciais demandas sobre conteúdos, torna-se ainda mais incoerente que se tente estabelecer processos controlados de intermediação informacional na rede. Como menciona Hjørland (2002), não temos mais como delimitar as diferentes vozes que darão início ao processo de recuperação da informação, e com isto, a polissemia torna-se a grande oponente da precisão e da validação de uma busca informacional. No entanto, em sua grande maioria, tais pesquisas ainda partem do princípio de que será possível que critérios lógicos (ou outros) sejam estabelecidos, universalmente ou não, e condicionem a entrada e a busca de informações.

Martzoukou (2005) considera que o usuário da Internet precisa ser visto de maneira oposta aos dos sistemas de informação institucionalizados. Assim, diferencia que no contexto da rede, não há *Information searching* e sim *Information seeking* e diante disto se torna necessário analisar condições que estão além das ações estruturais envolvidas na atividade de pesquisa por informação. Ou ainda, como refere Brooks (2003) *muitas vezes usamos a Web com o intuito de 'recuperar informação', mas quando estamos envolvidos com a Web, o processo é de constantes descobertas e não somente de recuperação.* (BROOKS, 2003, p. 1). Muitas linhas teóricas e operacionais têm sido seguidas para compreender essas condições e, na medida do possível, estruturá-las e embuti-las no espaço da Web ou mesmo no âmbito dos sistemas de informação disponibilizados pela rede.

Neste cenário, o desenvolvimento de modelos integrados para busca da informação que consideram o contexto cultural e social do sujeito “buscador” ganham força. As bases teóricas destes estudos passam então a considerar, além dos elementos biológicos e antropológicos, os elementos culturais e sociais para compreensão das ações informacionais do sujeito. (BATES, 2002). O que há de comum nos trabalhos que têm sido desenvolvidos para tratar dessas implicações é o pressuposto de que análises comportamentais de busca informacional são as que devem ser feitas pela Ciência da informação e não somente o estudo do usuário enquanto um simples recuperador de informação. Pensamos que os aspectos cognitivos do sujeito devem ser considerados nessas investigações desde que os entendamos em sua dimensão social e comunicacional. Tanto a necessidade informacional quanto os critérios sobre a sua relevância são construídos socialmente. [...] *information seeking é uma prática social.* (MARTZOUKOU, 2005, p. 12).

As implicações relacionadas à ação de busca informacional do sujeito são instituídas, formuladas e reformuladas concomitantemente a vivência deste sujeito na sociedade. A imprevisibilidade das possibilidades de busca informacional é decorrente do *agir comunicativo* do sujeito em sociedade o que faz com que este, a toda ação de comunicação, tenha seus procedimentos cognitivos alterados e adaptados, tenha seus valores e julgamentos repensados e reformulados e estabeleça sentidos e significados diferenciados de acordo com as necessidades comunicativas que se constituem. E, a partir desse complexo dinâmico de construção de sentidos e significados, o espaço de informação on line não tem conseguido dar conta de representar todos os elementos inerentes a essa condição humana.

Por isso se pode pressupor que, talvez, o caminho para promover melhores resultados de busca e recuperação da informação no contexto virtual não esteja atrelado a compreender e adaptar as estruturas do pensamento humano ao espaço on line, nem representar contextos, domínios e vocabulários utilizados pelos usuários, mesmo porque, como mencionado, essa totalidade de representações e relações não se daria de maneira completa. A necessidade estaria, acredita-se, em reconhecer, no sujeito, o que lhe faz tomar determinadas atitudes em uma ação de comunicação, o que lhe faz compreender, *descrever* e *discriminar* o que lhe é relevante ou não. A busca desse reconhecimento não objetivaria, como em alguns estudos, propor a intervenções diretas sobre os espaços digitais de informação, mas talvez, propor adequações as formas de busca de informação pelo próprio sujeito, de maneira que lhe seja retornado aquilo que lhe será válido, minimizando as chances de interpretações equivocadas, recuperações de conteúdos desnecessários e dispersão sobre os sentidos buscados.

O impacto da complexidade do cruzamento de entradas incontroladas de conteúdos com as infinitas possibilidades de busca por eles recai diretamente sobre os instrumentos de intermediação. Mesmo pautados em premissas ontológicas sobre a linguagem, qualquer sistematização de representação e intermediação informacional nesse espaço é inviabilizada frente à dimensão e o dinamismo no uso de conceitos tanto nos conteúdos e quanto nas ações de busca. Portanto, como sinalizou Gonzáles de Gomes (2004, p.57) *os pontos de acesso à informação em redes eletrônicas... poderiam considerar outros parâmetros discursivos ou textuais, sem privilegiar somente o nível das palavras ou do vocabulário e da terminologia.* Assim, frente à configuração virtual da informação (que se diferencia substancialmente da configuração sistêmica), é imprescindível que a Ciência da informação parta de uma situação prática relacionada a busca informacional rumo ao plano epistemológico, identificando argumentos teóricos e conceituais que lhe possibilitem voltar posteriormente ao plano da prática munida de subsídios que lhe assegurarão direcionar caminhos investigativos e operacionais no

cenário informacional em questão. Consideramos que somente pela perspectiva da busca informacional é que poderemos identificar elos teóricos coerentes que permitirão nos posicionarmos em um plano amplo de reflexão ao mesmo tempo que nos possibilitarão retornar ao plano prático, compreendendo as implicações do uso da virtualidade na construção do conhecimento. Cremos que ao validar teoricamente algumas condições sobre a ação de busca informacional, estaremos validando também a própria construção do conhecimento.

Por isso é que presumimos que o arcabouço teórico relevante para subsidiar reflexões no espaço virtual precisaria contemplar aspectos gerais de entendimento sobre o uso da linguagem, por crer que esta, tanto é o alicerce de estruturação e explicitação dos conhecimentos produzidos como é uma das principais vias pela qual são canalizadas e expressas as necessidades de novos conhecimentos pelo sujeito. Desse modo, a linguagem precisaria ser estudada e compreendida pela Ciência da informação, não só como um esquema estruturado de signos e conceitos utilizados logicamente nos processos de comunicação, mas sim, como um elemento em constante transformação que propicia e ao mesmo tempo interfere nos construtos dos sentidos humanos. E seria, a partir de teorias do significado, que acreditamos conseguir estabelecer um panorama teórico, conceitual e metodológico que possa servir a Ciência da informação em suas investigações, análises, verificações e avaliações no espaço virtual.

Poderíamos dizer que seria necessário que a Ciência da informação se desvinculasse de alguns dos aportes teóricos e conceituais que até então seguia para poder enxergar as implicações atuais das práticas informacionais no contexto virtual. Ficando presa ao convencionalismo teórico ontológico sobre a concepção do conceito, do significado, do usuário e da estruturação do conhecimento, quaisquer análises sobre as implicações da virtualidade informacional tornam-se inconsistentes no contexto virtual da informação. Isto porque estas teorias entendem a linguagem enfatizando sua função de representação, sendo que seu entendimento sob o conceito de ação parece aproximar-se mais as questões informacionais e sua reformulação no contexto virtual. A Abordagem pragmática é a mais adequada para subsidiar as investigações e práticas da Ciência da informação no plano virtual visto que ele está em constante movimento (em ação). A Ciência da informação, acreditamos, deveria atualizar o seu quadro teórico conceitual aproximando-se das premissas pragmáticas, mais adequadas párea o entendimento das condições práticas relacionadas aos usos da linguagem, a construção de significados e a construção do conhecimento.

Por isso temos que lidar com o conceito de linguagem abordado em seus movimentos e seus usos sociais (sendo que é este uso é a condição para o estabelecimento dos sentidos reais das informações buscadas via linguagem). Por isso é que seria necessário (caso se insista na de representação de conteúdos no ambiente on line) compreender a linguagem em função das atividades sociais nas quais as informações circulam, e isto prescindiria um entendimento prévio sobre as circunstâncias relacionadas a construção de significados. Desse modo, o caminho a ser seguido para compreender o uso da linguagem na busca informacional precisaria ser tangencial (ou até mesmo paralelo) aos caminhos até então estabelecidos na constituição de linguagens de mediação informacional. Assim entendemos em nosso trabalho que um dos objetivos vigentes da Ciência da informação é analisar teorias que possam subsidiar a compreensão do comportamento de busca informacional pelo sujeito no espaço *on line* de informação desde o ponto de vista de sua mediação lingüística.

Compreendemos então que a Ciência da informação prescinde abranger em suas investigações, as implicações que estão envolvidas na ação de busca informacional e

que coexistem aos sujeitos, independentemente de suas características pessoais ou procedências institucionais. É indispensável visualizar aquele que busca informação como membro de um *mundo de vida*. Membro este que interfere e sofre interferências desse mundo nas concepções de seus sentidos e conseqüentemente na construção de seu conhecimento. A linguagem por ele utilizada em uma busca informacional está embutida de sentidos que foram atribuídos por diferentes elementos externos de seu convívio social. Estes elementos relacionam-se e intercalam-se com suas diferentes e exclusivas possibilidades cognitivas e memoriais de construção de significados e são essas condições sobre a construção dos sentidos no uso da linguagem no processo de busca informacional as que pretendemos discutir no decorrer da pesquisa.

Versamos que a Ciência da informação, atualmente, se posiciona em um entrucamento no qual de um lado perpassam novas configurações tecnológicas relacionadas a virtualização dos processos armazenamento e busca da informação e do outro perpassam as diferentes perspectivas teóricas e conceituais sobre a concepção do que seriam os elementos constitutivos do conhecimento (linguagem, significado e verdade). Quanto a perspectiva teórica, cremos ser o Pragmatismo, a corrente que mais nos oferece argumentos convincentes sobre as implicações sobre o uso da linguagem no processo de comunicação (de busca da informação), por isso é que buscamos compreendê-lo.

### **CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO PRAGMÁTICA**

Não nos ocuparemos aqui em descrever historicamente as linhas, as escolas, os movimentos e os autores que deram início aos estudos pragmáticos da linguagem apenas por uma questão de síntese textual, mas consideramos imprescindível que entender todo o desenvolver da Filosofia da Linguagem até sua culminação à perspectiva Pragmática é substancial para aferir a validade do Pragmatismo para a área. Uma breve exposição desse percurso é apresentado em Gracioso (2005). Indicamos apenas que o estudo das relações entre linguagem e validade, no pensar filosófico, em um primeiro momento, teria sido iniciado por G. Frege, seguidos por B. Russell, L. Wittgenstein, R. Carnap, dentre outros filósofos-analíticos, que pressupunham um rompimento com a tradição cartesiana de que a linguagem seria um veículo de expressão de idéias. Esses estudos promoveram o que se reconhece hoje como a “virada lingüística” da filosofia. Posteriormente a linguagem passou a ser entendida como a condição de nosso pensamento e diante disto teríamos que compreender as características da linguagem não nos prendendo a analisar exclusivamente o mundo interior de nossas idéias. Já no século XX, o posicionamento positivista e lógico sobre a linguagem e o conhecimento passou a ser questionado e refutado por diferentes escolas filosóficas. A crítica se estabelecia por conta da ausência do sujeito, do contexto e da comunicação nas análises até então estabelecidas sobre a linguagem. Um dos precursores dessa concepção, agora já reconhecida como “virada pragmática”, foi L. Wittgenstein, cujos argumentos são pontuados em sua obra *Investigações filosóficas* (1953). O pressuposto elementar defendido em seus estudos nesse período foi o de que a linguagem seria o seu uso. Além de Wittgenstein, filósofos da Escola de Oxford dentre eles G. Ryle (1900-1976), J. Austin (1911-1960), P. Strawson (1919) e P. Grice (1913-1988) também se opunham ao objetivismo e ao ceticismo que impregnavam a corrente logicista e refutavam a possibilidade da construção de uma linguagem formalmente perfeita. Não aceitavam a idéia de que a linguagem era uma mera representação e descrição do mundo. A análise da estrutura lógica da linguagem deveria ser completada com o entendimento sobre como a usamos para nos relacionarmos socialmente sendo que este é que seria o principal motivo do desenvolvimento

lingüístico – e não o mundo em si. A linguagem seria um instrumento de ação de construção de pensamento e de realidade. (IBÁÑEZ GRACIA, 2004). Esse posicionamento seria um posicionamento pragmático sobre a linguagem e que se estendeu também nas discussões sobre a validade e a veracidade científica<sup>1</sup>.

Frente ao intuito deste trabalho, nos dispomos aqui, apenas, a pontuar as premissas sobre o significado da linguagem defendidas pelas abordagens pragmáticas de um modo geral, as quais ponderamos dignas de serem consideradas no âmbito das investigações da Ciência da informação. Blair (2003) pontua sumariamente essas premissas sendo elas as de que: os significados não estão atrelados às palavras; os significados não são conceitos e nem outro tipo de coisa; compreender o significado de uma palavra é não ter nenhuma definição fixa sobre ela em mente; o significado da palavra está relacionado a habilidade para utiliza-la em atividades nas quais seu uso é possível; compreender o significado de uma palavra é saber quando e como usá-la; só o uso da palavra ensina o seu significado; o significado da palavra é uma noção externa; o que nós temos em mente sobre o significado de uma palavra não é necessário para entendermos o seu significado; as circunstâncias são essenciais para determinar significados.

Tanto Frhmann (2003), Nedobity (1989), Hjørland (1998) e Novelino (1998) discutem as implicações da necessidade e as conseqüências da adoção da perspectiva Pragmática no contexto da representação e da recuperação da informação em sistemas de informação. Já o ponto de partida que defendemos aqui ser o mais coerente para os estudos da Ciência da informação no contexto dos espaços virtuais da informação seria o da ação de busca informacional, como mencionamos anteriormente. Assim intentamos defender a validade de aproximar a perspectiva teórica Pragmática de estudos da linguagem como sendo o subsídio para análise da busca da informação entendendo, para tanto, que o usuário da rede é, antes de mais nada, um *agente comunicativo*. Não o olharemos mais enquanto parte de um processo de recuperação da informação e sim enquanto parte de um mundo de vida em que se estabelecem ações de comunicação.

D. Blair é um dos autores da Ciência da informação que têm, ao longo dos últimos anos, analisado as implicações da aproximação teórica do Pragmatismo pela Ciência da informação, dando atenção aos aspectos da busca informacional. O autor se aporta principalmente sobre as concepções do filósofo L. Wittgenstein (*Investigações filosóficas*). Blair (2003) considera que as implicações do Pragmatismo interferem diretamente nas ações do sujeito na busca por informações. Nós entendemos essas ações como *ações comunicativas* que refletem a relação do sujeito com seu *mundo de vida* e consequentemente deste com o espaço informacional que recorre para busca de informações sendo que todo esse processo comunicativo se dá através do uso da linguagem.

Com base nos princípios da pragmática, Blair (2003) justifica que, no ato da busca informacional, frente as atuais implicações dos “sistemas” de informação on line, a ação do usuário de *descrever* para este, aquilo que se quer recuperar, precisaria ser

---

<sup>1</sup> Cabe diferenciar, ainda que existam cruzamentos e resgates de autores e conceitos, em ambas direções, a Pragmática lingüística do Pragmatismo, como a filosofia dos resultados, da experiência humana, do contato com as coisas, da ação positiva. Nesse contexto o valor prático das ações humanas é o seu valor de verdade sendo que a função do pensamento seria a de produzir hábitos de ação de modo que o que daria sentido a uma determinada coisa seria o conjunto de hábitos que a envolvem. Alguns dos autores precursores dessa concepção pragmática, que relaciona a verdade científica (comprovada empiricamente) com a verdade lingüística, foram os norte-americanos C. Peirce, J. Dewey.

complementada com a ação de *discriminar* o que foi recuperado. Mas diante disto, os problemas relacionados às formas de descrição do sujeito sobre o que se quer buscar também precisaram ser discutidos, já que, em certa medida, seria a equivalência das descrições entre conteúdo do documento e a necessidade do sujeito que culminaria em recuperações precisas. Por isso, o processo de descrição em si, seja na perspectiva do documento, seja na perspectiva do sujeito, precisa ser abordado da forma mais ampla e coerente possível.

Blair considera que a abordagem pragmática poderia ajudar a compreender esses entraves, cujo ponto central estaria no estabelecimento de sentido daquilo que é descrito. O que realmente queremos quando descrevemos o que queremos (sentido)? Descrevemos de certa maneira por que desenvolvemos essa maneira de descrever ou por que fomos treinados a essa maneira de descrever? Quando utilizamos a linguagem para descrever o que queremos estamos representando aquilo que pensamos, mas isso não significa que todo o pensamento utiliza a linguagem como meio de expressão. A linguagem não é um produto do pensamento ou a expressão de alguma coisa que temos em mente. E se tratando da necessidade de discriminar o que é relevante frente ao que foi recuperado, a identificação do conceito usado na busca com seu equivalente no conteúdo recuperado não será indicador de que o sentido buscado foi localizado. Os elementos que interferem nessas ações, tanto de descrição como de discriminação de conceitos e conteúdos, extrapolam as questões representacionais e atingem configurações comunicacionais.

Em seu trabalho mais recente, Blair (2006) vai reforçar que diante de tudo o que até então brevemente mencionamos, o caminho investigativo a ser seguido pela Ciência da informação no contexto virtual a partir da indeterminação dos significados que se estabelece na relação entre o que lhe será oferecido a quem busca informação (a descrição de um item de informação) e o que, diante do que foi recuperado, o sujeito da busca terá que discriminar. Frente a isto é que pressupomos que seriam necessários critérios para validação de sentidos e significados relacionados a busca informacional e não somente a representação de conteúdos.

Reforçamos assim que o Pragmatismo nos auxiliaria reconhecer as potencialidades de uso da linguagem no processo de comunicação e construção de sentidos, mas pensamos que, para que consigamos visualizar a relação destes princípios pela Ciência da informação, precisaríamos avançar nossas análises, pautadas nas premissas defendidas por L. Wittgenstein (de que a linguagem é o seu uso) em busca de princípios que consigam instituir e operacionalizar, em certa medida, alguns conceitos e ações comunicativas pautadas nessas premissas. Com base nesse pressuposto é que visualizamos ser os estudos de J. Habermas os que poderiam oferecer, não só uma perspectiva mais pontual das ações de construção de sentidos estabelecidos pelas ações de comunicação, como também, indicariam quais os procedimentos que poderiam ser analisados e adaptados para os estudos da Ciência da informação. O autor segue substancialmente muitos dos princípios do pragmatismo lingüístico, contudo, atrelados a sua teoria social do agir comunicativo. Desse modo seus proferimentos adquirem uma completude diferenciada e de certo modo mais coerente sobre a relação ao uso linguagem e a construção de seus sentidos.

De maneira mais direcionada poderíamos entender que a concepção de J. Habermas é a de que seria necessária uma *competência comunicativa* entre os indivíduos participantes da ação de comunicação. Esta competência diria respeito à capacidade dos participantes em situar sentenças particulares em contextos de comunicação visando que se estabeleça um entendimento mútuo por alguém sobre algo.

A partir do momento que se possam estabelecer as regras universais que condicionam os atos de fala dos indivíduos e estabelecer princípios sobre as condições gerais de aceitabilidade de atos de fala (a partir de uma teoria pragmática do significado), poderíamos então resolver as implicações sobre o uso de regras (defendidos por L. Wittgenstein) em nossas ações lingüísticas de uso da linguagem sendo possível, então, responder o que seria um entendimento lingüístico geral. De certa maneira, cremos que essas condições possam ser, de algum modo, consideradas pela Ciência da informação como condições elementares para o desenvolvimento de quaisquer estudos ou práticas relacionadas à ascensão do uso da informação, principalmente no universo virtual. Diante disto é que continuaremos a direcionar nossos esforços para investigações que confirmem tais pretensões.

## BIBLIOGRAFIA

ARAÚJO, C. A. A. A Ciência da informação como ciência social. *Ciência da informação*. v.32, n.3, Brasília set./dez. 2003. Disponível em: [http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0100-19652003000300003](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0100-19652003000300003). Acesso em: 21/08/2006.

BATES, M. Toward an integrated model of information seeking and searching. In: *International Conference on Information needs, seeking and use in different contexts*. Lisboa, set. 2002.

BERGER, P.; LUCKMANN, T. *A construção social da realidade: tratado de sociologia do conhecimento*. Petrópolis : Vozes, 1985.

BLAIR, D. C. Information retrieval and the philosophy of language. *Annual Review of Information Science and Technology*, v. 37, 2003, p. 03-52.

BLAIR, D. *Wittgenstein, Language and Information: "Back to the Rough Ground!"* Springer, 2006.

BROOKS, T. Web research: how the Web has changes information retrieval. *Information Research*, v.8, n.3, apr. 2003.

CAPURRO, R. Epistemologia e Ciência da informação. In: V ENCONTRO NACIONAL DE PESQUISA EM CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO, 5., Belo Horizonte, 2003. Anais...Belo Horizonte: Escola de Ciência da Informação da UFMG, 2003.

FOSKETT, D. J. Informática. In: GOMES, H. E. (org.). **Ciência da informação ou informática**. Rio de Janeiro: Calunga, 1980.

FROHMANN, Bernd. (1990). Rules of Indexing: A Critique of mentalism in information retrieval theory. *Journal of Documentation*, 46: 81-101.

GONZÁLES DE GOMES, M. N. Novas fronteiras tecnológicas das ações de informação: questões e abordagens. *Ciência da informação*, v. 33, n. 1, p. 55-67, jan./abr. 2004.

GONZALEZ de GOMEZ, M. N. . O caráter seletivo das ações de informação. *INFORMARE*, Rio de Janeiro, v. 5, n. 2, p. 7-31, 2000.

GRACIOSO, L. S. Aproximações teóricas em Ciência da Informação. In: ENCONTRO NACIONAL DE PESQUISA EM CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO, 6, 2005, Florianópolis, SC. Anais do ENCONTRO NACIONAL DE PESQUISA EM CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO, 6, 2005.

HJØRLAND, B. (1998). Information retrieval, text composition, and semantics. *Knowledge Organization*. V.25, n.1-2, 1998. Disponível em: [http://www.db.dk/bh/publ\\_uk.htm](http://www.db.dk/bh/publ_uk.htm). Acesso em: 21/08/2006.

HJØRLAND, B. (2002). Principia Informatica. Foundational Theory of Information and Principles of Information Services. IN: *Emerging Frameworks and Methods. Proceedings of the Fourth International Conference on Conceptions of Library and*

*Information Science (CoLIS4)*. Ed. By Harry Bruce, Raya Fidel, Peter Ingwersen, and Pertti Vakkari. Greenwood Village, Colorado, USA: Libraries Unlimited. p. 109-121. Disponível em: [http://www.db.dk/bh/publ\\_uk.htm](http://www.db.dk/bh/publ_uk.htm). Acesso em: 21/08/2006.

IBÁNÑEZ GRACIA, T. O “giro lingüístico”. In: *Manual de análise do discurso em ciências sociais*. Petrópolis, RJ: Vozes, 2004.

MARTZOUKOU, K. A review of Web information seeking research: considerations of method and foci of interest. *Information Research*, v.10, n.2, jan. 2005.

NEDOBITY, W. Concepts versus meaning as reflected by the works of E. Wüster and L. Wittgenstein. *International classification*. v. 16, n.1, 1989, p. 24-26.

NOVELLINO, M. S. F. A linguagem como meio de representação ou de comunicação da informação. *Perspectivas em Ciência da Informação*. v.3, n.2, p. 137-146, jul./dez. 1998.